ÀS ARTES DE VIVER POR VIR: ESQUIZOANÁLISE COMO ESCUTA INSURGENTE

Pedro Lucas Soares Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-3566-1202
Endereço eletrônico: 202320367@uesb.edu.br

Eder Amaral e Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID https://orcid.org/0000-0002-3229-8062
Endereço eletrônico: ederamaral@uesb.edu.br

Palavras-chave: Esquizoanálise; Subjetividade; Resistência; Linhas de fuga.

INTRODUÇÃO

As transformações sociais, políticas e culturais da contemporaneidade têm sido acompanhadas pela intensificação de mecanismos de controle que atuam não apenas sobre instituições, mas também sobre os modos de pensar, sentir e desejar. Em um cenário marcado por tendências de homogeneização cultural e subjetiva, torna-se relevante refletir sobre perspectivas teóricas capazes de compreender a resistência para além das formas tradicionais de oposição política.

Nesse contexto, as contribuições de Gilles Deleuze e Félix Guattari possibilitam pensar a resistência como criação de novos modos de existência. Deleuze e Parnet (1998) concebem o desejo como força produtiva capaz de constituir agenciamentos e realidades sociais, deslocando a análise da subjetividade para os processos de produção da vida social.

Essa compreensão encontra fundamentos na leitura deleuziana de Espinosa. Para Deleuze (2002), a ética espinosana não se organiza em torno de categorias morais universais, mas dos encontros que ampliam ou reduzem a potência de agir dos corpos.

Paralelamente, Guattari (2008) propõe a esquizoanálise, "ciência das quimeras" e modo de pensar e intervir no presente que convoca "todos aqueles que pretendem retomar a criatividade original da psicanálise [...], assim como sobre o conjunto das práticas e pesquisas em filosofia e

ciências humanas. À maneira das artes e das ciências em vias de criação" (Guattari, 1987, p. 1, tradução nossa). Trata-se de uma perspectiva voltada para a compreensão dos processos de produção de subjetividade, entendendo que os sujeitos são constituídos por múltiplos agenciamentos sociais, políticos, econômicos, materiais e semióticos. Nas palavras de Anne Querrien, uma das mais importantes articuladoras desta iniciativa desde os seus primeiros movimentos, a esquizoanálise consiste numa "escuta pública dos desejos de uns e outros e um agenciamento desses desejos entre si, em tempo real; um tipo de maquinação social cujos limites correspondem às insuficiências teóricas e práticas, mas também aos imaginários de seus animadores" (Querrien, 2004, p. 22, tradução nossa). Dessa forma, a subjetividade não é concebida como uma essência interior, mas como uma produção contínua e coletiva.

Diante desse cenário, coloca-se como problema de pesquisa compreender de que maneira a resistência pode ser pensada para além do enfrentamento direto às estruturas de poder, considerando os processos de produção de subjetividade que atravessam os modos de viver, desejar e se relacionar. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo discutir de que maneira os conceitos de esquizoanálise, produção de subjetividade e linhas de fuga podem contribuir para a compreensão das práticas socioculturais de resistência na contemporaneidade. Busca-se, assim, contribuir para o debate ao deslocar a compreensão da resistência de uma perspectiva centrada exclusivamente na oposição às estruturas de poder para uma análise dos processos micropolíticos de criação, singularização e produção de outros modos de existência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise evidencia a crítica de Deleuze e Guattari às formas de pensamento que reduzem a experiência humana a estruturas fixas e modelos universais. Deleuze (1992) argumenta que a centralidade do complexo de Édipo restringe o desejo ao âmbito familiar, desconsiderando seus investimentos sociais e políticos. Em contraposição, Deleuze e Parnet (1998) compreendem o desejo como força produtiva de conexões e agenciamentos que atravessam indivíduos, grupos e instituições, constituindo realidades sociais e modos de existência.

Essa compreensão aproxima-se das formulações de Guattari (2008), para quem a subjetividade é produzida por agenciamentos sociais, econômicos, afetivos, materiais e semióticos, não se restringindo à dimensão intrapsíquica. Tal perspectiva permite compreendê-la como um campo atravessado por processos de captura e possibilidades de criação.

Nesse contexto, Deleuze e Parnet (1998) compreendem as linhas de fuga como movimentos que rompem formas rígidas de organização da vida e abrem novas possibilidades de existência. Em *Conversações*, Deleuze (1992) associa esses processos à criação de alternativas diante dos mecanismos de controle e captura da sociedade contemporânea.

Essa discussão permite também refletir sobre as transformações associadas às tecnologias digitais e às plataformas, que participam cada vez mais das relações sociais e dos modos de produção da subjetividade. À luz das formulações de Deleuze (1992) sobre os mecanismos de controle e das contribuições de Guattari (2008) acerca dos agenciamentos, esses espaços podem ser compreendidos como parte das redes sociais, materiais e semióticas que atravessam os modos de viver, desejar e se relacionar. Ao mesmo tempo em que podem favorecer processos de padronização e captura, também comportam possibilidades de criação, conexão e singularização, evidenciando que as disputas entre controle e resistência atravessam igualmente as experiências mediadas pelas tecnologias digitais.

A resistência, nessa perspectiva, envolve a criação de novos modos de vida e de subjetivação, sendo os processos de singularização descritos por Guattari (2008) formas de produzir existências que escapam às tendências de padronização social e subjetiva.

A partir de Espinosa, Deleuze (2002) compreende a ética pelos encontros que ampliam a potência de agir, relacionando a resistência à produção de relações que favoreçam novas possibilidades de existência.

Desse modo, ao deslocar o foco da interpretação para a produção, da identidade para a multiplicidade e da representação para os agenciamentos, a perspectiva deleuzo-guattariana permite compreender a resistência como um processo criador que atravessa práticas culturais, relações sociais e experiências cotidianas.

METODOLOGIA

O presente estudo, desenvolvido de forma independente (sem financiamento) no âmbito acadêmico da construção do *Grupo de Estudos Polifonias* (coordenado pelo Prof. Dr. Eder Amaral e Silva) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa orientada pelo segundo autor. A seleção das referências foi orientada por sua pertinência teórico-conceitual ao problema investigado, privilegiando obras de Gilles Deleuze, Félix Guattari e seus interlocutores nas quais são desenvolvidas formulações acerca

do desejo, dos agenciamentos, das linhas de fuga, da singularização, da ética da imanência e da produção de subjetividade. Entre os principais referenciais, destacam-se *Diálogos*, de Gilles Deleuze e Claire Parnet, *Conversações* e *Espinosa: filosofia prática*, de Gilles Deleuze, e *As esquizoanálises*, de Félix Guattari.

O percurso analítico consistiu na leitura e no fichamento das obras selecionadas, seguidos da identificação e sistematização das formulações relacionadas aos conceitos investigados. Em seguida, foram estabelecidas articulações entre esses conceitos, tomando como eixo interpretativo as relações entre subjetividade, poder e resistência. A análise assumiu, assim, caráter teórico-conceitual, buscando compreender as contribuições da esquizoanálise para a reflexão acerca das práticas socioculturais de resistência e dos processos de transformação social e cultural.

CONCLUSÕES

A análise evidencia que a esquizoanálise de Deleuze e Guattari permite compreender as práticas socioculturais de resistência para além da mera oposição política, ao conceber a subjetividade como produção coletiva e processual vinculada à criação de novos modos de existência.

Os conceitos de desejo, agenciamento, linha de fuga e singularização demonstram que os processos de transformação social não ocorrem apenas nas estruturas macropolíticas, mas também nos modos cotidianos de viver, desejar e se relacionar. Deleuze e Parnet (1998) evidenciam que as linhas de fuga constituem movimentos criadores capazes de produzir novas formas de vida, enquanto Guattari (2008) destaca a importância dos processos de singularização para a construção de subjetividades que escapem às lógicas de padronização.

Conclui-se, portanto, que a articulação entre a ética da imanência desenvolvida por Deleuze a partir de Espinosa e a esquizoanálise elaborada em parceria com Guattari constitui uma importante intercessora das práticas contemporâneas de resistência, evidenciando a potência criadora presente nos processos de singularização e na invenção de novos modos de habitar o mundo.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, G**. Conversações: 1972-1990**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

GUATTARI, F. Chimères (éditorial). Chimères, Revue des schizoanalyses, n. 1, p. 1, 1987.

GUATTARI, F. **As esquizoanálises**. Revista Ensaios, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2008.

QUERRIEN, A. **Esquizoanálisis, capitalismo y libertad. La larga marcha de los desafiliados**. In: GUATTARI, F. Plan sobre el planeta: capitalismo mundial integrado y revoluciones moleculares. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004. p. 19-41.